MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar

1998 **nº 178**

O SOBRADÃO DA RUA MARECHAL

Um estouro. Uma fumarada. Cheiro de enxofre. Um buraco no chão. O sumiço do cadáver. "Satanás levou o Major em corpo e alma". Um talo de bananeira do quintal. Colocado no caixão. Faça-se o enterro. Salvem-se as aparências. Castigo eterno para o Major. Tão malvado para com os escravos. Terrível. Levado para o inferno em corpo e alma! E o Sobrado da Rua da Cruz Grande ficara marcado.

Este era o "causo" que descendentes do Major Bento Antonio de Campos me narraram, era eu ainda criança, uns 60 anos após a morte do Major. Aqueles acontecimentos teriam deixado marcas na família, principalmente quanto à "saúde dos nervos". O Major teria sido morto por um dos escravos, à porta da cozinha de sua fazenda. À machadada. O escravo, parece, teria fugido e nem o Capitão do Mato o encontrara (1).

O Sobradão ficava na Rua da Cruz Grande, hoje Marechal Deodoro, voltado para a Rua da Estação, hoje Castro Coelho. Construído em taipa de pilão, com grossas paredes, pé-direito alto, 6 portas no térreo e 6 janelas no andar superior, no estilo típico das fazendas do século XIX, com portas e janelas retangulares de moldura larga e porta de entrada terminando em arco. Dominava os demais prédios da sua rua. Com 2 amplos salões na frente, várias alcovas, sala de jantar, cozinha com seu fogão à lenha e vários outros cômodos na parte superior, era um dos maiores prédios da cidade, vindos do século passado. No andar térreo também havia amplos ambientes e deveria ter sido armazém de café, pois, ao morrer, o Major deixara mais de 110.000 pés de café e 500 arrobas de café em coco (já colhido).

Adquirido por nossa família, para lá nos mudamos em 1937. Embora por ali passasse a Estrada Rio-São Paulo, era uma rua sossegada a Marechal. Carros de boi, carroças, charretes, tropas de burro, subiam e desciam, tudo, porém, muito tranquilamente. Raramente um automóvel. Único "perigo" era a "baratinha" do Chico Marotta que, à noite, vinha "voando" de Lorena, trazendo rolos de filme para passar no Cine Central, na 2ª sessão de cinema, depois de usados em Lorena. Durante o dia, às vezes, passava uma boiada em direção à estação e grande era o medo de que alguma rês "desembestasse" e chifrasse alguém na calçada.



Lá pelas 6 h da manhã, ouvia-se o ranger das rodas do 1º bondinho elétrico na curva da Morais Filho para a Pedro Marcondes, contornando o magazine "Ao Mundo Elegante". Um pouco mais tarde, passava a carrocinha com as garrafas de leite, muitas vezes deixadas à porta dos fregueses. Já à tardinha, era o empregado do "Armazém Popular de Secos e Molhados" do Seu Virgílio de Paula Santos, estabelecido na Rua Pedro Marcondes, que vinha fazer a relação de pedidos de mercadorias, para serem entregues mais tarde. Quando

se acertava a conta, no fim do mês, o freguês ganhava um brinde como, por exemplo, uma lata de goiabada "Peixe". E lá pelas 11 h. da noite, no silêncio dessas horas tão tardias, ouvia-se o ranger das rodas do bondinho nos trilhos, produzindo faíscas na curva - era o último horário de Aparecida.

À direita do sobradão ficavam as oficinas do Seu Rosalino, perito marcineiro, caprichoso como poucos, que fez o mobiliário de Tio Maia Braga, casado com a Tia Rosalina, "née" Dubsky. Digna de nota é a mobília do quarto, com seu filete marchetado. Em seguida, ficava a torrefação, moagem e empacotamento do delicioso "Café Victoria" do Sr. José de Castro. Quando era dia de torrar café, a fumaça que saía da chaminé envolvia o sobradão e até mesmo a rua, com seu cheiro característico ainda hoje lembrado com saudade. E minha irmã gostava de colecionar os lápis-brinde de colorido variado.

Quase em frente, na esquina à direita, ficava o posto de gasolina e a agência da Ford, com sua "bomba de gasolina" em forma de torre com a parte superior envidraçada e sua alavanca com que o Luizinho da Ford reenchia a "bomba". Descendo para os lados do ribeirão São Gonçalo, ficava a casa do Professor Anísio Novais, notável pela gentileza do trato e pela atenção dada às professoras primárias, como inspetor escolar. Descendo um pouco mais, já no início da curva, havia a marcenaria do Seu Rebello, que os integralistas olhavam com extrema preocupação, pois diziam que ele era trotskista - tipo de comunista "perigosíssimo" (parece que nunca se comprovou essa sua filiação). Ele era o pai do Prof. José Rebello que dava aulas de desenho na Escola Normal, severíssimo na disciplina e nas notas; também pintor bissexto. Descendo ainda um pouco mais, passava-se pela chácara de Seu Paula Santos, afamado por sua parcimônia em gastar os seus mil-réis. Logo depois, a Ponte da Estalagem. Em fevereiro ou março, com o rio São Gonçalo represado pela cheia do Paraíba, era necessário equilibrar-se em tábuas para alcançar a "Ponte da Estalagem", já que a água, vindo pelos bueiros, atingia a calçada antes da ponte. Desta avistava-se a antiga Igreja de São Benedito inaugurada a 3 de abril de 1898 (2).

Subindo da Rua da Estação para a Rua do Mercado, ainda do lado ímpar, havia, na esquina, um elegante sobrado, onde residia Sinhaninha Fernandes, coisa rara nesses tempos: mulher dentista. Era formada pela "Escola de Pharmmacia e Odontologia de Guaratinguetá". Mais acima, residia Seu Quinzinho Fernandes, dono da pioneira "Empresa de Omnibus Santa Luzia" que ligava várias cidades do Vale. Logo depois, havia a "Padaria Marotta" de Antônio Marotta, proprietário também do Cine Central. Na sua padaria, às 2ª feiras, ao meio-dia, comerciava-se o delicioso "pão de cerveja". Comido bem quentinho com manteiga era verdadeiro néctar (naquela época não havia pão fresco às 2ª feiras, pela manhã; comprava-se, no domingo, o redondo e grande "pão italiano" fabricado pela "Padaria Mollica"). Pegada à padaria, ficava a casa de Dª Rosinha Filippo, pianista e professora de piano que enchia a rua com os sons de valsas de Chopin, sonatas de Beethoven, e escalas musicais ao piano. Em outubro, Gilberto, Guilherme e Gustavo deliciavam-se com içá torrado que rescendia pela rua afora. Na esquina da Rua do Mercado, via-se o "Centro Social" que concentrava a oposição a Joaquim Vilela, então líder dos alvistas seguidores do Comendador Antônio Rodrigues Alves, irmão do Conselheiro, que dominavam o "Clube Literário". No "Centro Social" realizava-se no fim do ano, a tradicional audição de piano dos alunos de Dª Rosinha.

E os carrinhos de "rolimã" desciam a ladeira pela calçada da direita da rua desde a bela e imponente casa do Dr. Leônidas construiída em estilo eclético, muito em moda nos princípios deste século (hoje pertence à família Sannini). Os carrinhos passavam pela casa do Seu Jorge Reis, dono do Cortume da Santa Rita, para desespero de Dª M.Madalena que brindava os "motoristas" com baldes de água limpa, porém fria...

No domingo da Paixão (3), à porta de casa dava-se a primeira parada da procissão do Senhor dos Passos, junto ao altar ali armado: era o 1° Passo. No sábado anterior, passava a "Procissão do Depósito" em direção à igreja de S. Benedito. A imagem vinha velada por uma espécie de cubo de pano roxo, visto que, desde esse dia, após o Ofício das Vésperas, as imagens eram veladas, cobertas com pano roxo ou preto. Durante o ano, o altar ficava guardado numa das alcovas da casa. Meu irmão, na época com uns 4 anos de idade, foi acender uma vela diante do quadro do Passo e o altar se incendiou; o fogo foi prontamente

debelado, sem maiores consequências. Era uma 2ª fumarada no Sobradão. Depois que nos mundamos deste, o "Passo" transferiu-se para a frente da casa de Da. Rosinha Filippo.

Em certas noites de Lua Cheia, havia a serenata do Hermelindo Casella, do Arrezi e do João Barbosa, dedicada a minha prima Alice Emboava (Dubsky de Campos), o que deixava Tia Cecília "tiririca". Elas moravam do lado esquerdo do Sobradão, como os demais primos: Nenê, Joaquim (Dao), Rodolfo, Antônio e "Santo" (Agenor), o mais criança e grande companheiro de brincadeiras. Tio Joaquim (meu padrinho) passava a semana na Fazenda "Nossa Senhora da Conceição" que ficava além das "Três Cruzes" (marcas de 3 horrendos crimes). Nessa fazenda passava, com meus primos, as férias de junho (4) e festejava-se São João.

Numa noite de janeiro de 1939, dia 8, um domingo, já estava me recolhendo, quando mamãe me chamou: estava havendo grande enchente no Ribeirão dos Motas. Pus rapidamente minhas calças compridas que havia ganhado no dia anterior (5) e fomos para a Praça. Vimos o enorme e veloz volume de água que atingia uns 3 metros acima da ponte da Rua São Francisco, o mesmo se podia ver na Rua Monsenhor Filippo. Mas aquela ponte, a mais antiga, resistiu. A da Rua Visconde e a da Rua Monsenhor Filippo foram bastante prejudicadas. E o bondinho elétrico para Aparecida teve que fazer ponto inicial e final em frente à Escola Normal durante muitos anos. A Rua Flamínio Lessa foi, então, aberta até a S.Francisco devido aos estragos provocados pelas águas nas casas de ambos os lados, o que facilitou sua desapropriação pela Prefeitura.

Nas grandes salas superiores da frente do Sobradão, alugadas por papai, instalou-se a sede da "Ação Integralista Brasileira", diminuindo o "circuito" das brincadeiras das crianças. Reunidas as duas salas em grande salão, aí realizavam-se memoráveis conferências com ilustres oradores e literatos como Miguel Reale (jurista e o único Filósofo do Direito Brasileiro), o poeta joseense Cassiano Ricardo, professores de Direito como José Loureiro Júnior, Goffredo da Silva Telles, ou Gustavo Barroso (autor do livro "Brasil, Colônia de Banqueiros" - que em tudo via maquinações judaicas) e o próprio Plínio Salgado (literato e fundador da AIB), entre outros. Eram conferências de alto nível como raramente se vira em Guaratinguetá, talvez apenas as realizadas pelo "Literário" na posse de uma nova diretoria (6). Nelas e nas reuniões ordinárias, pregava-se o amor à Pátria, o respeito à Bandeira e ao Hino Nacional nessa época pouco cultivado (embora se repudiasse a 2ª parte do hino, por causa do "Deitado eternamente em berço esplêndido"). Nas reuniões rotineiras, incentivava-se a participação de pessoas da cidade para pronunciarem discurso, como Aglaé Quissak, das crianças a recitarem poesias e fazer pequenos discursos, tornando-se tertúlias literárias em que se formaram oradores como José P. Limongi, José Maria G. Romeiro e declamadores como Maria Aparecida Couppê. Também se realizavam campanhas sociais como a "Oficina de Corte e Costura" que distribuíam roupas aos pobres, o Natal dos Pobres, Alfabetização de Adultos, etc. Numa época em que há pouco as mulheres conseguiram o direito a voto, porém pouco participavam da vida política e os partidos políticos lhes davam pouquíssimo ou nenhum espaço e, como hoje, nada ofereciam às crianças, a AIB arregimentava aquelas e engajava estas, os plinianos, que eram instruídos no sentimento de amor à pátria e recebiam até mesmo aulas de Educação Física ministradas pelo Profº Veiga. Frequentador assíduo da sede da AIB era o Dr. Alcebíades Delamare Nogueira da Gama, filho do Dr. Lamartine Delamare, e grande consumidor de café que Mamãe, locadora da sede, servia a toda hora (7).

Em julho de 1937, internara-me no Seminário Diocesano de Taubaté e era, com saudades e alegria, que voltava ao Sobradão, nas férias e podia gozar das delícias do seu grande quintal com mangueiras, goiabeiras, bananeiras, etc. Este quintal limitava-se, aos fundos, com o pomar do Seu Aprígio Coutinho que, zelosamente, com uma espingarda, vigiava seus pés de fruta, do "assalto" dos moleques vindos pelo Ribeirão de São Gonçalo ou desde nosso quintal! (8).

Às vezes aparecia no Sobradão o Tio José Dubsky. Ele levava-me à "matiné" do Cine Cental e depois à Brasserie ou Confeitaria Mollica. Esta, num belo prédio "art nouveau", fazia "pèndant" com a "Padaria e Restaurante Mollica" na Praça "Conselheiro Rodrigues Alves" (ambos os prédios, belíssimos exemplares da "art nouveau", foram substituídos por caixotões de cimento armado!).

Foi na comprida sala de jantar do Sobradão que se instalou nosso primeiro aparelho de rádio - coisa ainda meio rara para famílias de classe média, então. Era um aparelho da marca "Pilot" de ondas longas e curtas. Comprida antena foi estendida no telhado, o que proporcionava extraordinário alcance ao aparelho. Nele sintonizava-se principalmente a Rádio Nacional, a mais poderosa emissora da época, a Rádio Mayrink

Veiga - o que era prática comum em todas as casas - raramente ouviam-se emissoras paulistanas. Aos domingos, César de Alencar e Paulo Gracindo precediam a transmissão do futebol. Às 3 horas, por onde se passava, ouvia-se a irradiação de um jogo carioca, especialmente se havia jogo do Flamengo. O Corínthians era apenas mais um time qualquer de São Paulo, cuja torcida era olhada com desdém; gente "branca" e de "classe", torcia por time carioca, de preferência o Fluminense (da torcida "pó-de-arroz") ou o Flamengo. Por ele se ouviu, naqueles tempos, difícil transmissão do Campeonato Mundial de Futebol de 1938 realizado na França; junto dele lamentou-se a derrota para a Itália, graças ao juiz e comemorou-se o 3° lugar da nossa seleção, com a vitória sobre a Suécia por 4x2, e passou-se a admirar Leônidas da Silva, o "Diamante Negro". Estava se avolumando a torcida "chic" de um novo time: o São Paulo Futebol Club, que, em Guaratinguetá contava com um fanático torcedor, o Pe. José Romão da Rosa Goes, Vigário da Paróquia de Santo Antônio até 31/12/38, também fanático torcedor da Associação.

Dias 4, 5 e 6 de abril de 1942. Já, então, minha família morava numa chácara no Largo da Bica (onde, hoje é a Vila "Broca Filho"). Três dias da Festa de São Benedito. "Casa do Rei". Foguetório. Rezas. Almoço dos Cavaleiros. Doces. E o famigerado "BAILE DE SÃO BENEDITO" (desgosto do Pe. Joãozinho Guimarães). No Sobradão!

12 de abril de 1942. Primeiras horas da noite desse domingo - Fogo do lado leste da cidade! Da chácara viam-se enormes rolos de fumaça. O Sobradão ardia em chamas! Iniciadas sob o 1° lance da escada. Bem no meio do prédio. Vindas de uma madeireira no térreo alugado. Fogo proposital? Quem sabia já não vive mais. As grossas paredes de taipa resistem. O telhado vem abaixo. Paredes internas desintegram-se. O Sobradão ardia. Estava em ruínas!!!

Estudando em Taubaté, só no domingo seguinte, durante a visita da família, fiquei sabendo, com uma lágrima mal retida, que o Sobradão fora incendiado!

Línguas ferinas: "Foi castigo de São Benedito". Por causa do "Baile de São Benedito". "Pe. Joãozinho satisfeito" - "Ele não conseguiu", "o fogo conseguiu: O FIM DOS BAILES DE SÃO BENEDITO"!

(Algum tempo depois, um bode preto apareceu em cima do telhado da casa do Gustavo Filippo!!! Seria o Major de volta???).

Fumarada de enxofre. Fogo no altar dos Passos. Fogo na noite de um domingo!

Enfim: O SOBRADÃO DA RUA MARECHAL ARDERA EM CHAMAS.

NOTAS: **1)** Crime semelhante ocorreu em Lorena; porém o escravo foi preso e condenado à morte. É possível que, com o tempo, a tradição oral tenha emaranhado os fatos. O Major Bento Antônio de Campos nasceu em Jacareí em 1828 e faleceu em Guaratinguetá em 18/9/1879. Foi vereador e fazendeiro de café (Apud "Os Galvão de França..." de C.E.Marcondes de Moura, 2ª ed.-1973, pág. 551). **2)** Essa igreja de estilo românico,foi destruída nos anos 50.A ponte da Estalagem é a da rua Marechal Deodoro. **3)** Na Liturgia antiga, o domingo que precedia ao Domingo de Ramos era o Domingo da Paixão. E desde as 1as. Vésperas (sábado à tarde), cobriam-se as imagens das igrejas, até o Glória do Sábado de Aleluia. Pelos anos 50, Mons.Bindão transferiu a "Procissão dos Passos" para o Domingo de Ramos. **4)** Nessa época as férias de meio do ano eram em junho (sobre a Fazenda N.Sra. da Conceição falaremos em um dos próximos números desta série com o título: "De Jaboticaba e Revolução"). **5)** Naqueles tempos os meninos usavam calças curtas até os 11-12 anos. Daí o dito: "Foi pego de calças curtas". Sobre a enchente, ver "O Parahyba" de 15/01/39. **6)** Ver "Um Mineiro de Guaratinguetá" (Nero Senna), de autoria de Homero Senna. Pág. 87. **7)** A Ação Integralista Brasileira durou pouco mais de 5 anos: de 7 de outubro de 1932 (Manifesto de Plínio Salgado) a 2 de dezembro de 1937 (dissolução dos partidos pelo agora ditador Getúlio Vargas). Getúlio ainda tentou fazer de Plínio Salgado, Ministro da Educação. Porém a perseguição violenta contra os integralistas deu-se somente a partir do fracasso da Intentona Integralista de 10 de maio de 1938. **8)** Dizia-se que sua espingarda apenas atirava "balas de sal". Atualmente a Rua Adolfo de Castro segue paralela aos fundos do antigo quintal do Sobradão.

O Sobradão ficava na atual rua Marechal Deodoro - n° 142, onde hoje funciona um supermercado.

Guaratinguetá, 56 anos depois do incêndio.

BENEDITO DUBSKY COUPÉ